

PROFESSORES SECUNDARISTAS NA BERLINDA: REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE ALUNOS EM FOCO

Eduardo Antônio de Pontes Costa

Psicólogo, Pesquisador do Grupo Subjetividade e Trabalho/Universidade Federal da Paraíba e Mestrando em Saúde Pública/Escola Nacional de Saúde Pública/Fiocruz

ARTIGO

Resumo

Este artigo refere-se a uma pesquisa, financiada pelo CNPq, que em conjunto com outras, nasce de uma proposta mais abrangente, integrada ao programa do Mestrado em Educação/UFPB, dentro da linha de pesquisa ensino básico. O trabalho que ora se apresenta, parte da relação psicossociológica entre alunos e professores, e busca compreender como os alunos elaboram e apreendem a representação de professor, quais os elementos que permeiam essa relação e como são usados nessa construção.

1 Introdução

Como sabemos, o sistema educacional em nosso país tem sido gradativamente fragilizado por diversos fatores, dentre os quais se destaca, o insuficiente aporte de recursos financeiros para manutenção e modernização dos complexos escolares. É por demais conhecida de todos nós a 'penúria' financeira com que as escolas são administradas e o conseqüente sucateamento de suas instalações físicas e equipamentos didático-pedagógicos, sem falar nos ínfimos salários pagos aos docentes. Um outro fator, este de outra ordem, porém bastante pertinente, é a relação professor-aluno.

Pautadas nas análises de CARVALHO (1983); MARTINS (1995); CUNHA (1995), podemos perceber que a imagem que os professores fazem de si e transmitem aos seus alunos é, por sua vez, permeada por um discurso ideológico que, ao mesmo tempo, traduz a real

situação de penúria de sua vida, e, por outro lado, fantasia ideais que contribuem para 'sedimentar' a situação de dominação do qual é 'prisioneiro'.

Nesse contexto, indagamo-nos: de que forma os alunos elaboram e apreendem suas representações a partir da relação professor-aluno?

Baseada nas reflexões acima, esta pesquisa, busca uma integração entre o teórico e o metodológico que venha responder, fundamentalmente, as seguintes dimensões: psicológica e social. E a Representação Social surge como um aporte teórico que contempla, em suas análises, essas duas dimensões.

CARVALHO (1983) faz uma observação relevante acerca da Teoria da Representação Social, quando menciona que o interesse das Representações Sociais para o estudo do fenômeno educativo reside, basicamente, no fato de possibilitar uma abordagem não fragmentada da realidade escolar, mas sua apreensão como uma totalidade, em cuja dinâmica atuam o social e o individual em uma interação de forças que atualizam o contexto social na qual se dão essas relações: relações entre a pertença a um grupo social dado e as atitudes e comportamentos, aqui, especificamente, face ao professor, ou seja, a maneira como sua atuação é percebida.

O pressuposto básico do nosso trabalho é que a partir das representações sociais dos alunos de ensino médio, de escolas públicas, sobre seus professores, podemos caracterizar as relações que se estabelecem em sala de aula.

O conceito de Representação Social aqui

utilizado é de Serge Moscovici que em 1961 publicou, na França, *La Psychanalyse: son image et son publique* traduzido no Brasil sob o título "A Representação Social da Psicanálise".

A leitura de MOSCOVICI (1961) nos fornece um referencial teórico que julgamos bastante pertinente para lidar com o aspecto qualitativo do discurso presente nas representações dos alunos sobre seus professores.

MOSCOVICI (1961) nos diz que para se poder apreender o sentido do qualitativo social, necessário se faz enfatizar a função que ele corresponde em detrimento das circunstâncias e entidades que ele reflete. Essa lhe é própria, na medida em que contribui exclusivamente para os processos de formação de condutas e de orientação das comunicações sociais.

Assim, as representações sociais são entidades quase tangíveis. Elas circulam, cruzam-se e se cristalizam incessantemente através de uma fala, um gesto, um encontro, em nosso universo cotidiano. A maioria das relações sociais estabelecidas, os objetos produzidos ou consumidos, as comunicações trocadas, delas estão impregnadas. (MOSCOVICI, 1961, 1978)

Para ARRUDA (1983), as representações sociais constituem, pois, uma forma de pensamento típica de nossas cidades, onde a visão de um mundo estruturado dá lugar, pouco a pouco, a um mosaico de idéias, as quais não têm tempo de sedimentar-se e virar tradições, e passam continuamente por nós. As representações sociais fazem parte desse movimento, encontrando-se também em circulação na sociedade.

Entretanto, JODELET apud SÁ (1995), faz uma reflexão questionando se as formas de construção do conhecimento são específicas da própria sociedade ou se de pensamentos elaborados individualmente. De acordo com suas conclusões, JODELET nos diz que trata-se, com certeza, de uma compreensão alcançada por indivíduos que pensam. Mas, não isoladamente. A semelhança de seus pronunciamentos – se não com os de outros grupos de que participe – demonstra que terão

pensado juntos sobre os mesmos assuntos.

Como diz o próprio SÁ (1995), isto é o que se entende por uma explicação psicossociológica da origem dessa forma de pensamento social, que MOSCOVICI denominou "Representações Sociais".

Por outro lado, vamos verificar que a maior parte dos objetos, conceitos que se impõem à nossa compreensão no dia a dia, são frutos do conhecimento científico. Na verdade, constituem uma gama enorme de conhecimentos que nos dizem respeito, mas que 'parecem' distantes da nossa experiência efetivamente.

É como se toda construção do senso comum tivesse que reelaborar o nosso conhecimento com elementos provenientes de um universo do qual não participamos, que possuem uma roupagem, ou seja, uma linguagem, uma lógica que não pertencem à nossa realidade.

Concordamos com MOSCOVICI (1961, 1978), tendo em vista o exposto, que as representações sociais correspondem, por um lado, à substância simbólica que entra na elaboração e, por outro lado, à prática que produz a dita substância, tal como a ciência ou os mitos correspondem a uma prática científica e mítica.

MOSCOVICI (1981, 1984) considera coexistirem nas sociedades contemporâneas duas classes distintas de universos de pensamentos: os universos consensuais e os universos reificados. Nos últimos, bastante circunscritos, é que se produzem e circulam as ciências e o pensamento erudito em geral, com sua objetividade, seu rigor lógico e metodológico, sua teorização abstrata, sua compartimentalização em especialidades e sua estratificação hierárquica. Aos universos consensuais correspondem as atividades intelectuais das interações sociais cotidianas pelas quais são produzidas as representações sociais. (apud SÁ, 1995)

Toda representação social recorta e simboliza atos e situações que se tornam ou nos são comuns. Não deve ser vista de um modo passivo, como reflexo na consciência de um objeto ou conjunto de idéias, mas de um modo ativo, como uma reconstrução do dado em um

contexto de valores, reações, regras com o qual se toma solidário. A linguagem a traz para o fluxo das associações, a investe de metáforas, a projeta no espaço simbólico.

A função das representações é tornar familiar o não familiar, numa dinâmica em que objetos e eventos são reconhecidos, compreendidos com base em encontros anteriores, em modelos. No caso, a memória predomina sobre a lógica, o passado sobre o presente, a resposta sobre o estímulo. O ato de representação transfere o que é estranho, perturbador do universo exterior para o interior, coloca-o em uma categoria e contextos conhecidos. (LEME, 1995)

Por outro lado, a ciência segue um caminho inverso, principalmente no nível lógico: vai das premissas às conclusões.

Nesta direção, MOSCOVICI (1976) propõe dois processos que são importantes nesta forma de pensamento em que predominam a memória e as conclusões preestabelecidas: a ancoragem e a objetivação (apud LEME, 1995)

Como assinala SÁ (1995), podemos observar que dessa configuração estrutural das representações, Moscovici partiu então para uma primeira caracterização de seus processos formadores. A função de duplicar um sentido por uma figura, dar materialidade a um objeto abstrato, 'naturalizá-lo', foi chamada de 'objetivação'. A função de duplicar uma figura por um sentido, fornecer um contexto inteligível ao objeto, interpretá-lo, foi chamado de 'ancoragem'.

É interessante examinar exemplos dos resultados desses processos no caso da representação social da psicanálise, estudada por MOSCOVICI. O fato de um complexo psicanalítico ser tomado como algo quase que psicofísico no indivíduo,

Por exemplo, diz-se que fulano tem um complexo – ilustra a objetivação. A terapia pela escuta psicanalítica, uma estranha medicina sem remédios, sendo assemelhada à confissão religiosa, ilustra a ancoragem. (SÁ, 1995)

Enfim, podemos verificar que as idéias, pensamentos, avaliações, julgamentos, que

constituem o campo das representações estão estruturadas de forma diversa segundo as culturas, classes, grupos sociais e constituem tantos universos quantos são estes grupos.

Portanto, da relação psicossociológica entre alunos e professores, partimos para compreender como os alunos elaboram e apreendem a representação de professor, quais os elementos que permeiam essa relação e como são usados nessa construção.

2 Procedimentos Metodológicos

A pesquisa sobre as Representações Sociais, estando comprometida com situações naturais e complexas, requer, evidentemente, uma pesquisa de configuração qualitativa. Entendendo-se por pesquisa qualitativa *uma tradição específica dentro das ciências sociais que depende essencialmente da observação de pessoas em seus próprios territórios e da interação com estas pessoas através de sua própria linguagem e em seus termos.* (KIRK, MILLER apud SPINK, 1995)

Entretanto, isso não significa contraposição à quantificação ou oposição às noções de objetividade. Segundo SPINK (1995), a objetividade, em última análise, é o elemento de sustentação da atividade científica, seja desenrolada enquanto ciência natural ou ciência social, e, no interior desta, quer se desenvolva como pesquisa quantitativa ou qualitativa.

Com o intuito de não aprofundarmos a velha discussão quantitativo versus qualitativo, a reflexão acima apenas perfiliza um dado significativo que o pesquisador elege para interpretar suas investigações. No caso específico de nossa investigação, percebemos que o enfoque qualitativo traduz melhor a realidade vivenciada pelo sujeito, bem como lhe permite uma compreensão, se não aprofundada, mas substancial de suas experiências.

Entrevistamos 45 sujeitos, de escolas públicas da cidade de João Pessoa, estado da Paraíba. A escolha dos alunos deu-se de forma aleatória a partir da consulta à 'caderneta do professor'.

A coleta de dados baseia-se na realização de entrevistas individuais não estruturadas que seguem a orientação proposta por BARDIN (1977). As entrevistas foram realizadas nas escolas, gravadas em fita-cassete com a prévia autorização dos entrevistados e, posteriormente, transcritas.

3 Resultados e Discussões

Para análise e tratamento dos dados, recorreremos à análise temática das entrevistas, onde procuramos identificar os temas recorrentes nos discursos, sem levarmos em consideração a origem ou características do entrevistado. Os temas identificados e em torno dos quais se estruturavam as representações foram: os professores enquanto docentes; a questão didático-metodológica, a profissão docente na sua interface com a política educacional, administração da escola e o desgaste salarial.

Os professores são representados pelos alunos com ambigüidade, atribuindo-lhes tanto aspectos positivos como negativos. Os aspectos positivos são descritos como 'ótimo', 'excelente'; os aspectos negativos reportam-se a qualidades 'ruim', 'que não ensina bem'. Essas categorias, por sua vez, traduzem o cotidiano vivido pelos alunos no espaço escolar em sala de aula, onde a relação que se estabelece professor-aluno produz o imaginário daquilo que os alunos desejam,

Algo como um ideal de professor, e, paradoxalmente, o que eles percebem, sentem: o que é realmente a figura do professor para eles.

De acordo com POSTIC (1993), compreende-se então a ambivalência fundamental da relação pedagógica tal como é vivida pelo aluno: o professor é aquele que fornece ajuda, apoio, e é também portador de 'perigos', quando é percebido como alguém que invade o seu EU ou que dificulta seus projetos.

Ou seja, "...é...professor tem que ter uma certa educação para ensinar, se ele é preparado para ser professor, ele deve ter calma, ter paciência, e saber o conteúdo que ele tá dando...que às vezes o professor chega em sala de aula, começa a dar um assunto,

nem ele mesmo sabe o que tá dando...quer dizer, professor despreparado." (Aluno, 22anos, 3º ano)

Outro aspecto relevante se revela no depoimento acima. Percebemos que menções às características pessoais do professor, como ter calma, paciência, ser responsável, compreensivo, amigo etc., são representadas com maior destaque pelos sujeitos. Essa recorrência, por sua vez, traduz que, além do aspecto profissional, o professor deve possuir determinadas características que se coadunem com sua proposta de trabalho: relação de compreensão de si mesmo e de seus alunos.

Segundo PUENTE (1978), em suas análises acerca da facilitação da aprendizagem, o professor deverá aceitar a classe como ela é, com os seus objetivos e seus desejos; deverá colocar-se à disposição do estudante, interessando-se tanto pela dimensão emocional dos problemas como pela sua dimensão cognitiva, convencido de que a eficácia da sua ação como mestre está dependendo fundamentalmente do grau da sua autenticidade.

A representação positiva é atribuída pelos alunos àqueles professores que se esforçam, ensinam bem, 'explicam direitinho', mesmo sendo de escola pública. "*Bom, os professores são ótimos, né? ...Apesar de ser de escola pública, mas eu acho que eles ensinam super bem.*" (Aluno, 17ºanos, 2º ano)

Percebemos, na fala da maioria dos alunos, uma valoração com relação à imagem que eles têm do professor, até porque a referência 'mesmo sendo de escola pública' apresenta-se de forma bastante pertinente no discurso dos alunos, seja comparando-o à escola particular quanto a questão da capacitação, do nível de informação que os professores possuem.

"...eles querem que a gente tenha um ensino é... parecido com o pessoal da escola particular..." (Aluna, 18 anos, 3º ano)

Ao mesmo tempo, essas afirmações acima nos remetem à seguinte análise evidenciada por MARTINS (1995) quando diz que para entender a escola, sua organização, o processo de ensino que nela se desenvolve, não basta

analisá-la nas dimensões internas, mas vê-las inseridas em uma sociedade capitalista que se caracteriza pela apropriação diferencial dos meios de produção.

Embora o aluno não consiga formular conforme MARTINS (1995) o fez, verificamos em seu discurso uma lógica que nos conduz à seguinte reflexão: do ponto de vista sócio-econômico, a maioria dos entrevistados é oriunda de famílias de baixa-renda, cujos pais apresentam pouca escolaridade. Por sua vez, identificam no discurso e nas atividades de seus professores que o ensino na escola pública tem que, pelos menos, ser 'parecido' com o da escola particular. Até porque seus professores também são professores de escolas particulares.

A representação da questão didático-metodológica é representada pelos alunos como consequência da postura do professor em sala de aula. Ou seja, dependendo do nível de dificuldade que algumas disciplinas apresentam, como Física, Matemática, Português, mencionadas na maioria das falas, se o professor tem uma maneira mais fácil de transmitir o conteúdo, de modo que favoreça a melhor compreensão do mesmo pelos alunos, tornar-se-iam mais fáceis de entendimento.

Além das considerações antes descritas, entretanto, essa última é uma questão, de certa forma, complexa. Podemos vislumbrar a priori alguns aspectos: primeiro, essa questão chama atenção pelo hábito que pressupõe-se que o aluno deveria ter de leitura. Quando em sua fala é caracterizado que o professor tem uma linguagem 'cult', o aluno demonstra sentir dificuldade na compreensão.

A representação da profissão docente é feita pelos alunos em três categorias: a da política educacional, da administração da escola e do desgaste salarial (vários empregos).

Na representação da política educacional, baseiam-se no fato de não haver recursos suficientes para investir na educação por parte do governo. Neste sentido, para tentar reverter essa situação, seria necessário uma política de melhor e maiores investimentos para a educação. "...precisa de mais incentivos assim, visão pública, o governo precisa incentivar mais

nessa reciclagem de professores, para que eles possam aprender mais..." (Aluna, 23ª, 3º)

Para alguns alunos, a profissão docente, ou seja, o desempenho do professor e o andamento das atividades, está diretamente relacionada à administração da escola. Isto significa dizer que a questão da organização da escola é percebida pelos alunos como um elemento facilitador, tanto para melhor desempenho do professor como para o aprendizado dos alunos. Vale ressaltar que os alunos se referem não só às condições estruturais da escola (espaço físico) mas também aos recursos didáticos.

Por outro lado, há alunos que representam a profissão docente como aquela em que o professor precisa trabalhar em várias escolas. Segundo os alunos, os professores deparam-se com a necessidade de sobrecarregar-se com vários trabalhos para tentar dar conta de sua sobrevivência. Isto, para os alunos, parece se constituir em um elemento 'complicador' para o bom desempenho do profissional, pois essa realidade acaba gerando uma má produção em sala de aula pelo fato de terem que deslocar para outras escolas.

"...você é...tem uma carga horária muito pesada, tendo que dá aula em vários colégios, né?" (Aluno, 16 anos, 2º ano)

4 À guisa de conclusão

Este estudo de pesquisa traduz a tentativa de colocarmos a questão da relação professor-aluno, no âmbito educacional, para uma reflexão maior das práticas pedagógicas, na medida em que revela a realidade do aluno a partir de suas representações sociais, sobre seus professores e da escola como um todo.

Esses dados nos permitem perceber que a realidade educacional necessita ser discutida de forma mais abrangente, pois, neste trabalho de pesquisa, verificamos que compreender como se estrutura a relação professor-aluno passa necessariamente pela compreensão do 'sujeito coletivo', do indivíduo que interage com o meio em que está inserido. Portanto, falar de práticas pedagógicas é mergulhar numa dimensão mais ampla, além das técnicas, dos métodos. É,

sobretudo, repensar a compreensão a partir de um contexto maior: do social, do político, do econômico etc..

5 Referências Bibliográficas

- [1] ARRUDA, A. M. S. O Estudo das representações sociais: uma contribuição à psicologia social no Nordeste. Revista de psicologia, Fortaleza, UFC, v. 04, jan./dez. 1983
- [2] BARDIN, Laurence. Análise de conteúdo. Lisboa : Edições 70, [1980?].
- [3] CARVALHO, C. M.^a. C. de. Representações de professores de 1^a série do 1^o grau de escolas de periferia: estudo de caso. Tese (Doutorado em Psicologia Escolar). Universidade de São Paulo, 1983
- [4] CUNHA, M.^a Isabel da. A relação professor-aluno. In: VEIGA, Ilma P. A., org. Repensando a didática. Campinas, Papirus, 1995
- [5] LEME, M.^a A. V. Silva. O impacto da teoria das Representações Sociais. In: SPINK, M. J. O conhecimento no cotidiano: as representações sociais na perspectiva da psicologia social. São Paulo : Brasiliense, 1995
- [6] MARTINS, Pura L. O. Conteúdos escolares: a quem compete à seleção e organização? In: VEIGA, Ilma P. A., org. Repensando a didática. Campinas : Papirus, 1995
- [7] MOSCOVICI, Serge. A representação social da psicanálise. Rio de Janeiro : Zahar, 1961,1978
- [8] POSTIC, Marcel. O imaginário na relação pedagógica. Rio de Janeiro : Zahar, 1993
- [9] PUENTE, Miguel de la. O ensino centrado no estudante: renovação e crítica das teorias educacionais de Carl Rogers. São Paulo : Cortez, 1978
- [10] SÁ, Celso P. Representações sociais: o conceito e o estado atual da teoria. In : SPINK, M. J. SPINK, M. J. O conhecimento no cotidiano: as representações sociais na perspectiva da psicologia social. São Paulo, Brasiliense, 1995.
- [11] SPINK, M. J. O estudo empírico das Representações Sociais. In: _____ SPINK, M. J. O conhecimento no cotidiano: as representações sociais na perspectiva da psicologia social. São Paulo : Brasiliense, 1995